PAULO NUNES

Traço-Oco

Editora Penalux

Guaratinguetá, 2017

miolo-tracooco.indd 3 10/23/2017 11:52:12 PM

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

Edição: França & Gorj

Foto do autor: Édila Döler

Capa e diagramação: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N972t NUNES, Paulo.
Traço-oco / Paulo Nunes – Penalux: Guaratinguetá, 2017.
70 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-272-9
1. Poesia I. Título

CDD B869.1

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Avô sapateiro

Meu avô, grisalho de tisnas,
pintou minha pele de preto
(depois veio a cor amarela da índia bisavó)
Aquele avô – sinto cheiros –
é quase um fogão à lenha
Tíbias, perônios e fêmures
fazem o alfabeto do avô
que aprendeu como ninguém
a soletrar sapatos n'Amazôniarrios.

Ele curte a sola
(o mergulho não ignorado dado)
e seca-a e sova o couro
que de cru vai somando
desenhos e palmilhas
até chegar a ponto dos pés, o arrepio.

O avô é galho de silêncios
e há assovios na crosta
das unhas, joanetes,
sois assombrações, velho,
que solfejas análises sintáticas.

miolo-tracooco.indd 17 10/23/2017 11:52:13 PM

Sintético reisado é o avô
ante ao quadro de Miguelarcanjo sobranceiro:
"Afasta-me, santo meu,
da escravidão dos adjetivos..."
Anima ainda hoje sovelas aquele avô
(tem linha do tempo no Congo
Angola ou no Norte da África?)

O avô se movimenta a sustentar
os cacos de um sapato em esparadrapos
Glosa pouco, ele-o-sempre, enche a boca
com tachinhas em argentum,
E cospe melodias daquele martelo altissonante
(publicarei anúncios nos classificados
em busca do torquez,
com o pentapé de ferro).

Sei que minha palavra
não alimenta o avô
que de tanto laborar
algaraviou-me fantasma em úlceras
e outros vícios gasosos
(mas nada de comer cru e quente)
Mas ele me ensinou mucho:

miolo-tracooco.indd 18 10/23/2017 11:52:13 PM

sola é papel em branco,
se afoga, agarra, desenha, lixa e corta, corta.

E o poema, que nunca foi meu de origens,
vomita memórias
de meu paneiro,
avô, eu faço-me tempo
no leito do teu cenho.

miolo-tracooco.indd 19 10/23/2017 11:52:13 PM

Alfredo: a chuva

Estrelas me balouçavam
dormi com o perfume de teu vestido

o único que conheci
– que cor era aquela, indissolúvel? –
por isso guardei-o com
a voz mais demorada
(mas o que é uma voz ante ao silêncio?)
nos cílios de meu baú,
as sete chaves de minha adolescência
Não era Círio,
vislumbrei o barco de atravessar,
havia um arraial e desenhei
em ti meu

primeiro conto de fadas.

miolo-tracooco.indd 20 10/23/2017 11:52:13 PM

A troca da folhinha

Para Edyr Augusto

Rasgam-se melancolias. A vida assovia e desfolha o passado. Silencio em meus silêncios. Há que se ter dó dos que se ofendem com o oco e o bater de asas das borboletas.

Cidade de gatunos, roubam. Roubam-nos a melancolia. Desfiguram-se até mesmo as chuvas na cidade que outrora se limpava na invernia. Um ônibus rasga o crepúsculo, fosse uma carroça não seria mais dessemântico.

Passam dois ciclistas na contra-mão, eles aguardam para dar o bote, quem se lhes oferece? O ponto G desta cidade.

Gatunos esgueiram-se sob, sobre os telhados, tatus ou homens-aranha. Em: subterrâneo. Ando como serpente, sou cobra, espero a troca da folhinha do Sagrado Coração de JC para sangrar minha própria redenção. Se me apreendi com as serpentes, o ano novo chegará e estarei mudando a pele, os pelos, os pês. Serei poeta um dia?

Serei um Paulo. Outro?

miolo-tracooco.indd 21 10/23/2017 11:52:13 PM

Belém: as vozes vazias

42 graus; acossado
nos cacos de uma manguifera indica,
Vieira,
arranhava guitarras
de fados na garganta,
e vociferou leites
e copaíbas:

"Viverás, Belém, antípoda,
feito uma fênix,
ante a displicência desordenada.
Em teus jardins urtigas serão
cultivadas em vasos
mas os gananciosos verão
neles rosas e antúrios das cifras".

Só mendigos, embuás e cheira-colas
Se ex-forçavam
para ouvir aquele pregador
In-SANO.

miolo-tracooco.indd 22 10/23/2017 11:52:13 PM

A rede

Para Vasco Cavalcante

A rede é a sede
da pele contra o osso
rede,
rédea do ócio: o antinegócio;
rede:
artelhos de nós
contra nós para formar o
Setestrelo em que a palavra
é paneiro retrançado de rede-sede.
Na sanha do poeta
a rede é
nada mais: guirlanda de verbos
balanço e re-versos,
rede:
ócio gratinado

e seu criador.

miolo-tracooco.indd 23 10/23/2017 11:52:13 PM

Balada do pescador

Lua, lua, lua
é conciso que comeces
a pensar no vazio de meu silêncio.
Sim, ele virá como o vento da
aurora e o ocaso das cigarras.
Meu pulmão se esvaziará, lua.

Enquanto a noite se fizer

minha palavra irromperá feito
bolsa de mulher na maternidade.

Lua, lua,
amiga, talvez nem saibas
mas meu silêncio será tramado
feito a colmeia das mariposas
contra o azedume do rio
E tu serás possivelmente
mais lua na tua esfera grávida
de uma tela e um cavalete.
O que farei? Usarei o mercúrio
para curar minha algibeira
e serei mais firme com o

miolo-tracooco.indd 24 10/23/2017 11:52:13 PM